

# O Longo Suspiro

## Contado por Eesha Sardesai

A respiração saía do pulmão do homem em lufadas sôfregas. Ele havia corrido por vinte minutos, sem parar, da sua casa até a mesquita, sob um céu azul-prateado que rapidamente começava a exibir sinais de dourado, prenunciando a aurora. Ele agora apoiava as mãos nos joelhos, deixando a respiração retornar ao normal.

Inspirando profundamente de novo, o homem levantou a cabeça para olhar para as portas da mesquita. Eram uma formosa peça de arquitetura, tendo em sua fachada o brilho de ladrilhos roxos e turquesa, nos quais estavam inscritos, com caligrafia elegante, trechos de poemas sagrados.

Aquele homem estava empenhado em participar das preces na mesquita todas as manhãs. Até aquele dia, não tinha faltado uma sequer. Ele não conseguia controlar a frustração de ter perdido a hora, depois de uma noite de sono irregular. Na hora que acordou, as orações já estavam prestes a começar.

Ele correu o máximo que pôde, na esperança de chegar à mesquita antes do término. Então, quando viu as portas diante dele se abrirem e as pessoas começarem a sair, seu peito pesou.

Ele se aproximou de uma das pessoas, um idoso que se apoiava numa bengala.

— Senhor — disse o homem — Já terminaram as preces?

O idoso colocou a mão no seu ombro.

— Sinto muito — respondeu — Mas, sim, as preces já terminaram. Você as perdeu por pouco.

O homem mais novo fechou os olhos e soltou um longo suspiro, uma expiração profunda que pareceu se estender por eras. Foi um suspiro denso de emoção; nele podia-se ouvir a tristeza, o anseio e a dor do desejo não realizado do homem. Com que fervor ele desejara oferecer suas preces a Deus!

Ele abriu os olhos e inspirou lentamente. O céu atrás dele ia se iluminando, conforme a orbe do sol emergia no horizonte.

Depois de um momento, ele percebeu que o idoso ainda estava ali, com uma expressão de curiosidade no rosto.

— Você está mesmo tão chateado assim por ter perdido as preces matinais? — perguntou ele.

— É claro! — respondeu o outro — A prece desse horário é muito importante para mim. É assim que começo meu dia. Não acredito que perdi essa oportunidade de falar com meu Deus!

O mais velho continuou a olhar para ele, pensativo.

— Talvez eu possa ajudar — disse — Se você quiser, posso lhe dar o fruto de todas as preces que acabei de oferecer na mesquita esta manhã.

— Você pode? — surpreendeu-se o mais novo.

— Certamente — disse o mais velho — Seria um prazer. Contudo, devo lhe pedir algo em troca.

— Ah, sim, qualquer coisa! — exclamou o mais novo — O que posso lhe dar em retribuição?

O velho se deteve um instante.

— Seu suspiro — respondeu, por fim.

— Meu suspiro? — perguntou o mais novo, parecendo confuso — Ah! Você se refere ao suspiro que dei quando soube que havia perdido as preces?

— Sim, esse mesmo — disse o idoso.

O mais jovem estava atônito.

— Tem... tem certeza? Só quer isso?

— acredite, jovem. Será o suficiente — replicou o mais velho — E então, concorda com a troca?

O homem mais jovem mal podia acreditar na sua sorte.

— Sim, sim, com certeza! — falou — Não sei como lhe agradecer por sua generosidade, bom senhor. Estou tão contente por ter recebido os frutos da prece, apesar de tudo!

Cantando alegremente, o homem voltou para casa, observando como tudo ao seu redor de repente parecia lindo. Os problemas daquela manhã prontamente deixaram de preocupá-lo.

\*\*\*

Naquela noite, o homem teve um sonho. No sonho, ele ouviu uma voz. A voz lhe disse: “Você é um tolo.”

Depois de um breve silêncio, a voz falou novamente.

— Você entendeu? — disse a voz — Você é um tolo. Por que entregou seu suspiro tão livremente? Aquele suspiro continha os frutos e as virtudes de incontáveis preces.

As palavras soaram altas e claras; elas ressoaram na atmosfera do sonho, e pareciam pulsar no próprio corpo do homem. Ele acordou assustado.

Piscou algumas vezes, sentindo seu peito subir e descer com o movimento da respiração. Ele olhou em volta, atordoado, enquanto processava o que havia acontecido. Foi um sonho marcante esse que ele acabara de ter!

O homem acendeu uma lamparina próxima e pegou seu diário. Escreveu o que a voz lhe havia dito e depois olhou fixamente para as palavras, um apelo silencioso se formando em seus lábios para compreender o significado delas.

Aos trancos e barrancos, em pares de palavras e fragmentos de frases, os insights surgiram. Parecia que cada um vinha acompanhado por um lampejo de revelação.

*Meu suspiro continha os frutos de muitas preces...*

*Meu suspiro era ele próprio uma prece...*

*uma expressão de amor...*

*uma ode de anseio...*

*Meu suspiro expressava meu amor e anseio por Deus...*

*Era minha maneira de me aproximar de Deus...*

*Era minha comunhão com Deus...*

Depois de algum tempo, os pensamentos do homem vaguearam para as preces do idoso, aquelas pelas quais ele havia trocado seu suspiro. Ele percebeu que não havia parado para considerar o que este outro homem podia estar desejado ao recitar suas orações. Em sua afobação de receber o fruto da prece, não dera nenhuma atenção ao que aquele fruto poderia ser!

O céu lá fora estava azul-prateado. Era bem antes do amanhecer. O homem se levantou da cama, sorrindo levemente, e começou a se aprontar para as preces matinais.

**Texto no último slide:**

Esta é a versão de uma história que Gurumayi Chidvilasananda contou em *satsangs* e Intensivos de Shaktipat de Siddha Yoga. Esta história tem sua origem na tradição sufi.

